
JORNAL CAXIENSE: PALCO DE ROMANCES-FOLHETINS NO SÉCULO XIX

Antonia Pereira de Souza¹

ORIENTADORA: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa²

Introdução

A literatura no século XIX era predominantemente veiculada em jornais e periódicos. Esse acervo, atualmente, é estudado em diversos estados brasileiros, como fonte para pesquisas literárias divulgadas em forma de livros, teses e projetos, que são relevantes iniciativas norteadoras para os pesquisadores na área.

Entre os livros encontram-se: *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)* (2002), de Yasmin Jamil Nadaf; *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900* (2003), de Antonio Hohlfeldt; *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX* (2007), de Socorro Barbosa.

Com essa temática, foram encontrados dois projetos relevantes e acessíveis, em vista de disponibilizarem seus resultados online: *Caminhos do Romance*, da UNICAMP, que divulga dissertações, teses, livros, artigos, jornais digitalizados. O outro projeto é *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19*, das Profas. Dras. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa e Fabiana Sena, da UFPB, no qual se tem acesso a jornais digitalizados e microfilmados; livros, dicionários e documentos digitalizados; referências bibliográficas, além de artigos que versam sobre a pesquisa nessa área, bem como sobre a História da Literatura na Paraíba.

No Maranhão, os jornais do século XIX foram estudados geralmente por pesquisadores da área de História, como os integrantes do Núcleo de Estudos do Maranhão Oitocentista, de São Luís, que realizam seminários anuais e lançaram livros como *O*

¹ Doutoranda em Letras, na área de Literatura e Cultura, na UFPB.

² Doutora em Literatura Brasileira pela USP e Professora da UFPB.

Maranhão Oitocentista (2009). Existem também a tese *A Atenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro* (2009), de José Henrique de Paula Borralho, defendida na Universidade Federal Fluminense; e o livro *Entre a tradição e a modernidade: a belle époque caxiense: práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX* (2009), de Jordânia Maria Pessoa. Na área de Letras, foi encontrada a tese de Ricardo André Ferreira Martins: *Atenienses e fluminenses: a invenção do Cânone*, defendida em 2009, na UNICAMP.

Segundo Quincas Vilaneto (2008:38), a imprensa maranhense, no século XIX, foi bastante rica. Começou a funcionar em São Luís em 1821, com a publicação do jornal *O Conciliador do Maranhão*³ e Caxias foi a segunda cidade do estado onde a imprensa desenvolveu-se, com início em 1833, como se observa neste trecho: “A Crônica – jornal político, noticioso, o primeiro a circular em Caxias Impresso [na]Tipografia Independente”.

Em seguida, foram lançados *O Justiceiro*, em 1835; *O Telegrapho*, em 1835; *Brado de Caxias*, em 1845; e o quinto jornal da cidade foi o *Jornal Caxiense*, fonte deste estudo. O objetivo deste artigo é verificar os modos de circulação de romances-folhetins, no *Jornal Caxiense*, entre 1849 e 1851, bem como conhecer as histórias dessas obras e, quando possível, a de seus autores. O apporte teórico é baseado nas ideias de Roger Chartier (1998, 2004, 2011, 2012), Socorro Barbosa (2007), Marlyse Meyer (2005), Michel de Certeau (2012) e Felipe Pena (1996). Este estudo é baseado na pesquisa *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*, em desenvolvimento, no PPGL, da universidade Federal da Paraíba, de João Pessoa, com a orientação da Profª Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.

2 História do Jornal Caxiense e sua relação com os romances-folhetins

A circulação de obras, de acordo com Chartier (2012:5), é um processo que deve ser avaliado, levando em consideração diversos aspectos que as envolvem, como: quem eram donos, os leitores, a forma de apresentação: “Não se pode falar em circulação do livro sem tentar avaliar quem possuía esses livros, quem os lia, qual era a conjuntura do impresso”.

³ De acordo com informações da BN, esse jornal foi publicado inicialmente de forma manuscrita: “Sua publicação manuscrita começou a 15 abril 1821, e impressa em 1822, encerrou 12 junho 1823. A partir do n.77, passou a charmar-se: *O Conciliador*”. Informações disponíveis em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/conciliador/conciliador_1821/o_conciliador_1821_047.pdf

Com as obras que circularam nos jornais essa avaliação também é essencial, como será feito com as veiculadas pelo *Jornal Caxiense*.

Esse jornal surgiu no dia 07 de março de 1846. De publicação semanal (aos sábados), tinha quatro páginas, com três colunas cada e circulou até 01 de novembro 1852. Era de propriedade de João da Silva Leite e Impresso na Tipografia Imparcial (também de propriedade de João), que funcionou primeiramente à Rua augusta nº 11, e depois, à Rua Santa Luzia nº 8.

O jornal publicava notícias de outros países, como França, Alemanha, Inglaterra e Portugal, muitas delas copiadas dos periódicos do Rio de Janeiro. Além deste estado, os contatos mais frequentes eram Pernambuco e São Luís (chamado pelo redator de Maranhão), conforme se observa neste comunicado em que o redator informa de onde recebeu cartas e jornais, além disso, ele afirma que publica algumas das informações veiculadas por esses meios: “Recebemos cartas e jornais da corte até 16 de fevereiro, de Pernambuco até 28, e do Maranhão até 17” (*Jornal Caxiense* 06 de abril de 1850, nº 96, p. 3). Nesta mesma edição, o jornal publicou uma notícia da Bahia, retirada do *Médico do Povo*. Ocorriam também contatos com a Região Sul, de onde também chegavam exemplares na redação do *Caxiense*. Seu conteúdo ainda era composto por anúncios diversos, como venda e aluguel de escravos, venda de roupas, utensílios domésticos, alimentos, livros e outros jornais, como *A Aurora* e *Brinco das Damas*, de Olinda.

Literatura, no século XIX, de acordo com Barbosa (2007: 30-38), “são textos que mantêm a perspectiva *horaciana* de instruir e deleitar. Nesta concepção, o termo englobava a eloquência, a poesia, a história, a crítica e também as ciências”. A teórica ressalta a importância do jornal como suporte da Literatura, quando afirma que “ele é parte da economia interna da linguagem, da divulgação e da circulação do literário no século XIX”.

Apesar de não se declarar literário, desde o primeiro exemplar, o *Jornal Caxiense* publicava poesias, anedotas, contos e crônicas, em sessões denominadas: “Publicação a pedido”, “Variedades” e “Anedotas”. Em 1849, seguindo os padrões dos jornais dos grandes centros, como o Rio de Janeiro, por exemplo, começou a publicar prosa de ficção no Folhetim. Esse espaço, no início do século XIX, segundo Marlyse Meyer (2005: 57-63), era o “rodapé”, “um espaço [...] destinado ao entretenimento”, entretanto muitos romances, ali, foram publicados em forma de “picadinho”, criando uma “nova conceituação que passa então a designar também o que se torna o novo modo de publicação do romance”. Acrescente-se que os contos e as crônicas, originais ou copiados também preenchiam o Folhetim, seguindo a mesma padronização dos romances.

Essa forma de publicação da prosa de ficção, e acordo com Meyer (2005) teve início na França, quando Émile de Girardin e Armand Dutacq idealizaram o *La Presse*, primeiro jornal a ser vendido por assinaturas. Com o desentendimento dos sócios, Dutacq lançou o *Le Siècle*, que, em 05 de agosto de 1836, publicou o primeiro texto de ficção no espaço físico Folhetim: *Lazarille de Tormès* (anônimo); e em 1838, *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas (pai). Girardin continuou com o *La Presse* e publicou *A solteirona*, de Honoré de Balzac, ainda em 1836.

No Brasil, a publicação da prosa de ficção nos rodapés dos jornais teve início com o romance *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas (pai), em 31 de outubro de 1838, no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro. Nesta pesquisa, constatou-se que, no Maranhão, a primeira obra veiculada dessa forma foi o conto “A noiva brasileira”, de Madame Northon, de 09 a 20 de julho de 1841, em São Luís, no *Jornal Maranhense*. Em Caxias, essa forma de publicação teve início com o conto “Dois amores a um tempo”, de Marie Aycard, presente no rodapé do jornal *Brado de Caxias*, de 22 a 29 de novembro de 1845.

No século XIX, o jornal, segundo Socorro Barbosa (2007: 47), tinha a incumbência de disseminar o gosto pala leitura de romances folhetins, através de estratégias como: “a adaptação, a tradução, a cópia e a imitação de textos estrangeiros”. Felipe Pena (1996: 29) acrescenta que essas publicações aumentavam as vendas dos jornais e consequentemente baixavam os preços e aumentava a quantidade de leitores: “publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento de vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante”. Podem ser estes os motivos que levaram os jornais do século XIX, mesmo os que não se autodenominavam literários, a primarem pela divulgação dos romances-folhetins. Assim, garantiam leitores, divulgavam a literatura, aumentavam as vendas e os lucros.

Segundo Chartier (1998: 26), as “formas dadas aos objetos tipográficos” são vestígios das estratégias da redação e da edição para satisfazerem as supostas expectativas e habilidades do público visado. A estratégia de publicação de romances-folhetins do *Jornal Caxiense* criou uma espécie de “aura” para o espaço *Folhetim*, uma vez que esta palavra era escrita com letras grandes em negrito e as obras eram publicadas em letras do mesmo tamanho que as empregadas nas notícias, entretanto com seus títulos maiores. Procedimento raro entre os jornais daquela época, pois se habituaram a divulgar os romances em letras em tamanho muito inferior ao das matérias comuns, dificultando a leitura.

O *Jornal Caxiense* repetia o nome da obra veiculada todos os dias, antes do início do capítulo, em letras grandes, parecia uma forma de popularizar a tipologia textual, (como se

pode observar nas imagens desse jornal que constam neste artigo), assim como atualizar e orientar o leitor sobre o romance, pois, como a apropriação do conteúdo do jornal é “associada à ação ligeira e descartável” (BARBOSA, 2007: 41), se faltassem esses dados, o leitor talvez não recorresse a exemplares anteriores, a fim de se inteirar sobre a obra, então perderia a motivação para a leitura. Esse procedimento também facilita a pesquisa desses textos, uma vez que é possível identificá-los independente de faltarem exemplares do jornal ou não. Dessa mesma forma procedia também o *Jornal Maranhense*, de São Luís, que circulou entre os anos de 1842 e 1843.

No *Caxiense*, bem como no *Maranhense* observou-se que o espaço *Folhetim* era exclusivo para a Literatura (prosa de ficção), mas isso não era regra geral no Oitocentos. O jornal *A Imprensa*, do Rio de Janeiro, por exemplo, iniciou a circulação em 12 de setembro de 1852 e já possuía o espaço *Folhetim*, entretanto divulgou ali o artigo “Estado dos nossos Teatros” no qual pede melhorias para os teatros da cidade.

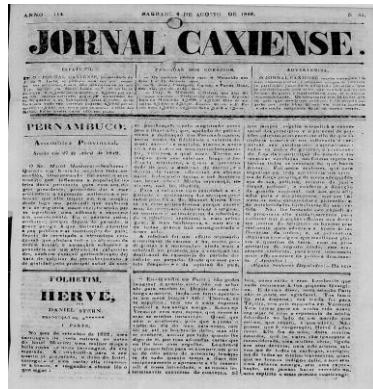
O *Jornal Caxiense* colaborou para o aprimoramento do gosto dos caxienses pela leitura da prosa de ficção, proporcionando a circulação de romances-folhetins traduzidos, adaptados e originais, pertencentes a países diversos. Encontram-se no jornal as seguintes obras: *Hervé*, de Daniel Stern (França); *A Condessa Lavallette*, de M. Mercier (Espanha); *Rosa* (Brasil) e *Teatros* (Itália). Segue-se o estudo sobre a circulação dessas obras com exceção de *Teatros*, em vista do limite de páginas.

3 *Hervé*: como circulou?

A partir de 04 de agosto de 1849⁴, nº 61, surgiu, no *Jornal Caxiense*, a sessão “Folhetim”, inaugurada com o romance francês *Hervé*, de Daniel Stern, com tradução de A*****. O romance foi publicado durante nove semanas, de 04 de agosto de 1849, nº 61 e estendeu-se até 27 de outubro de 1849, nº 73. Neste dia a palavra “continua” (forma que os jornais da época utilizavam para criar expectativa no leitor), ainda estava escrita ao fim do capítulo, entretanto os exemplares que publicariam os capítulos finais do romance não existem. Passou-se do nº 73 para o nº 77.

⁴ O *Jornal Caxiense* publicou romances-folhetins entre 1849 e 1851, período em que, de acordo com Meyer (2005), essa tipologia textual encontrava-se na primeira e na segunda fases (nascimento e elaboração): “Um historiador do movimento operário, Edouard Dolléans , situa entre 1830 e 1871 o duro caminho da luta para a organização operária. São esses também os marcos que, grosso modo, assinalam diferentes aspectos do romance-folhetim. Seu nascimento , elaboração, apogeu, morte e ressurreição coincidem — e não será por acaso — com as três séries de datas 1836 – 1850, 1851 – 1871 e 1871 – 1914. São três grandes momentos da História em que se inscreve o tempo histórico do romance-folhetim” (p. 64).

Figura 01: O início da circulação de *Hervé* (*Jornal Caxiense*, 04 de agosto de 1849, nº 61, p. 1)



Fonte: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=759830>

Hervé, na verdade, é um romance de Marie Catherine Sophie de Flavigny (Marie d'Agoult)⁵, escritora nascida na Alemanha e criada na França, que usava o pseudônimo de Daniel Stern. A obra foi publicada em 1841 ou 1845, não se precisa a data. O romance está no mesmo livro com as obras *Valentia* e *Julien*, da mesma autora. O livro possui 275 páginas, das quais 98 são ocupadas por *Hervé*.⁶

Figura 02: Foto de Marie d'Agoult

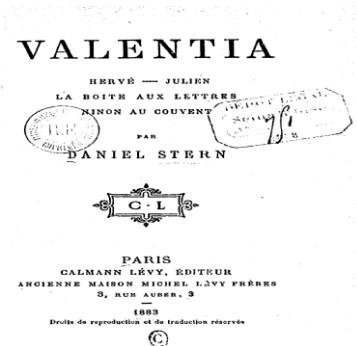


Fonte: <http://www.comte-lavalette.com/emilie-beauharnais.php>

⁵ Marie casou-se com Conde Charles Louis Constant d'Agoult, com quem viveu de 16 de maio 1827 a 19 de agosto 1835, quando o deixou, após ter duas filhas: Louise e Claire. De 1835 a 1839, ela viveu com Franz Lisz, com quem teve mais três filhos: Blandine, Cosima e Daniel, falecido muito jovem, em homenagem a quem ela escreveu o romance Nelida, anagrama do nome do filho. Informações acessíveis em : <http://www.paperblog.fr/4237574/portrait-de-femme-marie-d-agoult/>

⁶ De acordo com informações da Gallica - Biblioteca Nacional da França, disponíveis em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5679640r.r=Valentia%2C+Herv%C3%A9%2C+Julien.langPT>

Figura 03: A contracapa de *Hervé, Valentia e Julien*



Fonte: Gallica - Biblioteca Nacional da França⁷

Hervé é uma história ágil, até que os três protagonistas: o casal francês Hervé e Georgina, reencontra a norte-americana Theresa, amiga de Georgina a quem, por carta, esta falou muito bem do esposo e convidou-a para passar um período com o casal. Logo Hervé e Theresa sentiram-se atraídos um pelo outro.

Certa vez, encontraram-se no bosque, mas quando Theresa pensou que um romance começaria entre ambos, o rapaz resolveu contar-lhe sobre seu envolvimento com Eliana, uma mulher casada de trinta anos, no período em que ele era solteiro, com vinte e dois anos.

Como apareceu Marcel, o segundo amante na história, e Eliana, ao mesmo tempo em que afirmava amar Hervé, aparentava ser uma mulher misteriosa e distante, este viajou para o Rio de Janeiro. Foi confundido com um louco no decorrer da viagem, em vista do aspecto desesperado em que se encontrava. A partir desse momento faltam os exemplares que continuariam a história.

3 A Condessa de Lavallatte: apropriação rápida

No exemplar de 09 de fevereiro de 1850, nº 88, surgiu, no *Jornal Caxiense*, o romance-folhetim *A Condessa de Lavallatte*, uma apropriação, em forma de resumo, do romance francês denominado *Madame Lavallatte, niéce de Josephine*, de 1839. O romance possui 342 páginas e, no Jornal, está apenas com seis páginas, entretanto o enredo está completo. O autor do livro é M. Mercier, pseudônimo de Théophile Mercier, segundo levantamentos feitos na Biblioteca Nacional da França (Gallica).

⁷<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5679640r.r=Valentia%2C+Herv%C3%A9%2C+Julien.langPT> <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5679640r.r=Valentia%2C+Herv%C3%A9%2C+Julien.langPT>

Figura 04: O início do Folhetim *A Condessa de Lavallette* (*Jornal Caxiense*, 09 de fevereiro de 1850, nº 88, p. 1)



Fonte: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=759830>

Figura 05: O início do romance *Madame Lavallette* no suporte livro



Fonte: Gallica - Biblioteca Nacional da França⁸

Houve, no caso desse romance, uma transformação significativa, ao mudar de suporte, isto é, passar de “um nível de circulação a outro, mais popular” (CHARTIER, 2011:236), provavelmente para facilitar a leitura e economizar espaço no jornal, uma vez que a obra é bem volumosa, ou ainda “manifestar as intenções de público, ou mais ainda, intenções de leitura” (CHARTIER, 2011:236). Outra possibilidade para a publicação do romance em forma de resumo, pode ser porque a história era bastante conhecida, principalmente em de envolver pessoas próximas da realeza francesa.

Há indícios de que as personagens centrais do romance existiram. Seriam Antoine-Marie Lavallette, chefe do esquadrão de Napoleão Bonaparte, e Émilie-Louise de Beauharnais, sobrinha de Joséphine de Beauharnais, primeira esposa de Napoleão⁹.

⁸<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5623075n.r=Madame+Lavallette%2C+ni%C3%A8ce+de+los%C3%A9phin.e.langPT>

Figura 06: Foto de Émilie-Louise



Fonte: <http://www.comte-lavalette.com/emilie-beauharnais.php>

A Condessa Lavallette narra a história de Émilie-Louise e do Conde de Lavallette, em um período em que Napoleão Bonaparte havia descido do trono francês e Luís XVIII ascendia e esse trono pela segunda vez. Antes de entrar em Paris, este monarca prometeu cumprir a Convenção de 03 de julho, segundo a qual nenhum cidadão seria perseguido por suas opiniões e procedimentos anteriores em negócios políticos, qualquer que tivesse sido o cargo ou emprego. Apesar disso, o Conde de Lavallette foi preso, julgado e condenado à morte porque teria sido cúmplice de Bonaparte em um atentado contra a família real francesa, no restabelecimento do poder deste, depois de sua fuga da ilha de Elba.

A esposa do conde, desesperada, pediu clemência ao rei, mas em vez de perdão, ouviu o rei determinar o dia 21 de março para que a sentença fosse executada. A serenidade substituiu o desespero e no rosto da mulher nasceu um sorriso.

A condessa ia sempre visitar o marido na prisão, inclusive para jantarem juntos. No dia 20 de dezembro, uma dama, uma criança e uma idosa entraram na cadeia para visitar o conde. Saíram de lá as mesmas pessoas, entretanto a dama cobria o rosto. O guarda deduziu que a mulher não queria mostrar rosto porque chorava. Afinal, no dia seguinte, tornar-se-ia viúva.

⁹ De acordo com o site France.fr., página <http://www.comte-lavalette.com/emilie-beauharnais.php>.

Mais tarde espalhou-se a notícia de que o conde havia fugido e em seu lugar estava a Condessa de Lavallette. Ali, ela permaneceu por alguns meses até restituírem-lhe a liberdade. O conde disfarçou-se de general inglês, fugiu de Paris para Baviera, na Alemanha, onde estabeleceu sua residência. Poucos anos depois a sentença do conde foi anulada e ele voltou para a França e para a família. Émilie-Louise ficou conhecida em toda a Europa pela generosidade de amor conjugal.

A forma como esse romance circulou, assemelha-se a um conto. Procedimento recorrente nas traduções do século XIX, tornando a prosa narrativa o estilo preferido e predominante nos jornais desse período, conforme Barbosa (2007:48): “Na verdade a quase tudo que é traduzido atribui-se o formato de pequenos contos, tornando a prosa narrativa o estilo preponderante dos periódicos”. Era uma forma de apropriação que agilizava o contato do leitor com a Literatura.

O Hadjeb de Cordova: poder sem amor?

O romance-folhetim *O Hadjeb de Cordova* começou a circular no dia 23 de março de 1850, nº 94 e foi até o exemplar nº 104, terminando o capítulo com a palavra “continua”, entretanto, só existem exemplares a partir do nº 118 e já sem o romance. Dessa obra faltam, portanto, os capítulos finais, bem como alguns anteriores, pois não existem também os exemplares de 97 a 101. O romance tem os capítulos bem separados por números e subtítulos, por exemplo: “Os jardins d’Azahrat”, “Call al nosor”, “Gelohira”, “O mostarabe”. O nome do autor não aparece na obra. E ainda não foi possível recuperá-lo, pois o texto parece não existir mais em outro suporte, a não ser no *Jornal Caxiense*.

Figura 07: O início do romance *O Hadjeb de Cordova* (*Jornal Caxiense*, 23 de março de 1850, nº 94, p. 1)



Fonte: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=759830&PagFis=326&Pesq=>

Ambientado em Córdova, Espanha, quando dominada pelos árabes, o romance tem início com as informações sobre a morte do califa El-Hakem, após ter levado o império Cordovês ao apogeu da prosperidade. A El-Hakem sucedera seu filho Hecham, de dez anos, e no comando ficou Mohamed-bem-Abdallah, nomeado Hadjeb e tutor do jovem príncipe. Mohamed era um guerreiro feliz, casado com Shobeia, até que chegou a seu reino a bela prisioneira Gelohira, jovem de Amaya, que fora dada como escrava para Hecham.

O guerreiro passou a segui-la até que, certa noite, encontrou a jovem no jardim, disse que a amava, prometeu que ela seria rainha, mas a moça assustou-se e gritou com terror e angústia. Ele pediu para que ela o seguisse. Ela respondeu que viva não iria e tentou se matar com um punhal, entretanto Hadjeb impediu o suicídio. Surgiu outra personagem que travou uma luta com Hadjeb, mas este venceu; levantou-se cambaleante e, aovê-la debilitada, em consequência da violência presenciada, arrojou-se para ela rugindo de prazer. Ergueu-a do chão e desapareceu com ela. Aqui faltam os exemplares de 97 a 101.

Quando a história retornou, Gelohira e outras personagens fugiam de Cordova. Um homem estava ferido, sendo cuidado pela jovem. Havia indícios de que os cavaleiros de Hadjeb perseguiam os fugitivos. E o império cordovês declarou guerra aos cristãos. Não existem os jornais com a continuidade da história.

O motivo da circulação dessa história no *Jornal Caxiense* pode ser a presença de um governante criança, representado por tutores, assim como vivia o Brasil, naquela época, sob a regência de um adolescente; uma vez que o jornal posicionou-se contra D. Pedro II no governo, desde a primeira edição, conforme se observa nesta poesia, de Felynto Elyso, em forma de anedota, “Quem põe o governo / Nas mãos da criança, / Não canta, nem dança, / Mas faz geringonça / No papo da onça” (*Jornal Caxiense*. 07 mar. 1846, nº 1, p. 4).

Rosa: antimonárquico e antiescravista?

A publicação do romance-folhetim *Rosa* era quinzenal. Iniciou-se no dia 28 de novembro de 1850, nº 129, p. 1, trazendo entre o subtítulo do capítulo e as linhas iniciais, uma advertência do editor, prevenindo o leitor sobre a falta de um trecho do folhetim e mencionando também que parte da obra foi publicada de forma errada, por isso republicava o

capítulo inicial¹⁰: “Tendo havido um engano, e falta de um trecho deste folhetim, aqui aparecem algumas linhas já publicadas para corrigir a inexatidão com que saiu”.

O romance estendeu-se até 01 de fevereiro de 1851, nº 139. Neste dia a palavra “continua”, estava presente, todavia os exemplares que continuariam a história não existem mais, uma vez que os arquivos passam da edição 140 para a 262.

Esse romance-folhetim também era dividido em capítulos numerados e com subtítulos, como estes: “Sessão preparatória”, “Discussão calorosa”, “O Bello Ministro”, “O crédito suplementar”, “O Juca”.

Figura 08: O início do romance *Rosa* (*Jornal Caxiense*, 14 de dezembro de 1850, nº 129, p. 1)



Fonte: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=759830>

A história possui como cenário o Rio de Janeiro. Inicia-se com uma conversa entre o comendador Sancho e Anastácio, um velho roceiro, sobre o futuro dos jovens. Anastácio defende que não podiam preparar um futuro para os filhos, deveriam então prepará-los para que estes o criassem. Sancho perguntou se ele estava querendo mais aulas para os jovens. O velho ressaltou que eles necessitavam era de mais educação doméstica e religiosa dadas pelos padres e pelas mães de família, ressaltando que o ensino destas persiste em toda a vida da pessoa. Entretanto, no Brasil, a escravidão dificultava esse trabalho porque ela consistia em um poderoso elemento de desmoralização. O Comendador foi acusado por Maurício (que ouvia a conversa) de ser cego, pois não via as luzes do século.

O velho roceiro criticou o hábito do comendador, que já contava mais de cinquenta anos, e namorava mocinhas que podiam ser suas netas e com elas dançava valsa francesa a noite inteira. O comendador ficou furioso e alegou que o roceiro aumentara sua idade em

¹⁰ No final da primeira coluna, o editor colocou uma nota de rodapé, explicando que a publicação incorreta estava no exemplar nº 126: “Alue o nº 126”. Este exemplar ainda não foi encontrado.

vinte anos. Maurício pôs-se entre os dois, tentando amenizar a situação, mas não adiantou, porque Anastácio lembrou-se de mais uma situação embaraçosa vivida por Sancho: D. Brites não quis se casar com ele. O comendador defendeu-se dizendo que foi ele quem não quis se casar com a moça. Além disso, nunca se casara porque não encontrou uma moça que lhe desse prazer.

Maurício pediu calma aos dois e aprovou uma verba de 184.000 para um baile da própria filha. O narrador comentou que pelas mulheres, tanto o monarca quanto o lavrador passam as noites em claro, o poeta faz-lhe soneto e o ignorante, versos de pé quebrado.

Chegou o Belo Ministro, logo depois, surgiu Rosa, filha de Maurício. Esta jovem era tão bela que era comparada a Madona, de Rafael. Ela soube da verba aprovada para o baile e pediu mais 36.000, a fim de comprar sua roupa e flores para se enfeitar. Anastácio, Sancho e Rosa tentaram convencer Maurício para liberar o dinheiro, mas não lograram êxito.

A história, apesar de iniciar-se de forma anônima, parece ser da autoria de um brasileiro que se posicionava contra a monarquia, pois discretamente sugere que o regime é velho e ultrapassado, além disso, percebe-se que ele era antiescravista, uma vez que por trás das implicações existentes entre as personagens e a vaidade da jovem Rosa, a escravidão é citada como um empecilho para o aprendizado dos jovens:

Se a missão da mãe de família é árdua em toda parte do mundo, no Brasil é particularmente muito mais espinhosa, porque no Brasil cada homem guarda dentro d e sua própria casa um inimigo do coração de seus filhos, um poderoso elemento de desmoralização; em uma palavra, porque no Brasil existe a escravatura (*Jornal Caxiense*, 28 de novembro de 1850, nº 129, p. 2).

O autor também sugere a ideia de corrupção da monarquia já que a determinação do total de dinheiro que o pai daria para a filha realizar um baile foi colocada como verba aprovada na presença de pessoas do governo como o comendador e a expectativa da presença de um ministro que logo chegou querendo saber sobre a aprovação do orçamento.

Conforme Chartier (2004:16-17), toda produção cultural é baseada na tradição e submetida à censura de quem tem o poder: “[...] não existe produção cultural livre e inédita que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e não esteja submetida à vigilância ou censura de quem tem poder sobre as palavras e as coisas”. Pode ser por isso que os desmandos da monarquia aparecem na obra de forma confusa e misturados a acontecimentos particulares de personagens comuns, além disso, a discussão sobre a desmoralização que a escravidão submetia as famílias veio à tona por uma

personagem aparentemente sem muita credibilidade e que praticamente falou sozinha sobre o assunto, pois não obteve retorno dos presentes.

Considerações finais

Pelas obras publicadas no *Jornal Caxiense*, nota-se que a história de leitura dos caxienses, em relação a romances-folhetins, na metade do século XIX, era cheia de aventuras amorosas, com mulheres lindas, sedutoras e, ao mesmo tempo, de amores não correspondidos, pois havia sempre um empecilho, no caminho dos amantes, que os impediam de chegar à felicidade. Existe até personagem, como Hervé, que não acredita em felicidade e a considera um estado que só atinge as pessoas simples e os invejosos.

Alguns desses romances transpareciam aspectos políticos do Brasil colônia, como a escravidão e, sobretudo, a Monarquia. A publicação destes veio ao encontro dos ideais políticas do *Jornal Caxiense*, pois desde a primeira edição ele deixou transparecer sua posição contra a Monarquia, através de publicações, inclusive discordando do fato de o país estar sob a responsabilidade de um monarca adolescente.

Constatou-se que circularam, no *Jornal Caxiense*, um romance-folhetim brasileiro e quatro traduções, apropriadas de forma completa ou reduzida; de origem francesa, italiana e espanhola. Quanto aos autores, nem todos podem ser recuperados, entretanto dos que ainda se encontram registros, surgem histórias surpreendentes, a exemplo de Daniel Stern, pseudônimo de Marie Catherine Sophie de Flavigny, renomada escritora alemã que vivia na França.

A circulação dessas obras é relevante porque, através delas é possível se conhecer a história de leitura de Caxias, além disso, há indícios de que algumas delas, atualmente, existem apenas no *Jornal Caxiense*, tornando-o uma fonte rara do gênero romance-folhetim.

Referências

A Imprensa. Rio de Janeiro: 1852.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 19 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger.(Org.). *Práticas da leitura*. 2.ed. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2 ed. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: UNB, 1998.
- _____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. (Org.). *Práticas da leitura*. 2.ed. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- _____. Roger Chartier entrevistado por Robert Darton. *Matrizes*. São Paulo, ano 5, nº 2, ja./jun. p. 159-177, 2012. Disponível em: www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/342/pdf. Acesso em 10 jul. 2013.
- Jornal Caxiense*. Caxias: 1846 –1851.
- Jornal Maranhense*. São Luís: 1842-1843.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- O Progresso*. São Luís. 1847.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- VILANETO, Quincas. *Catálogo histórico da imprensa caxiense: Do prelo ao prego: 1833 - 2007/ Caxias*. vol. 3. Caxias: Prefeitura Municipal, 2008.